

FRANKLIN MARTINS



de Brasília

Preliminares

• A reunião entre os principais líderes da esquerda brasileira, na semana passada, praticamente sacramentou a candidatura de Lula a presidente em 1998. Ela vem fazer companhia à de Fernando Henrique, óbvia desde o momento em que ele lançou todas as fichas e correu todos os riscos para aprovar a emenda da reeleição. Um terceiro postulante ameaça entrar em campo, mas, fiel, a seu estilo, ainda está em dúvida: Itamar Franco.

Nisso deve se resumir o quadro da sucessão presidencial. O resto é figuração. Certamente o dr. Enéas se apresentará mais uma vez aos eleitores, beneficiando-se das facilidades abertas por nossa lei eleitoral, complacente ao extremo com o folclórico. É bastante possível ainda que, pela mesma razão, surja novamente um brigadeiro ou um almirante de pijamas, pronto para reformar o mundo com três ou quatro idéias mal alinhavadas na cabeça. Mas, essas candidaturas, se vierem a ocorrer, não serão para valer. A disputa ficará mesmo entre FH, Lula e, possivelmente, Itamar.

Paulo Maluf, que no início do ano ameaçava concorrer ao Palácio do Planalto, moderou suas ambições e retificou seus tiros depois da aprovação da emenda da reeleição. Chegou à conclusão de que não seria páreo para Fernando Henrique. Além disso, o escândalo dos precatórios jogou-o na defensi-

distante terceiro lugar? Essa dúvida continua martelando a cabeça do ex-presidente.

Fernando Henrique torce para que Itamar se decida por Minas. A vários amigos, o presidente já disse que Itamar estaria fazendo todo esse barulho para forçar uma negociação política, que lhe permita sair como o candidato da situação ao Palácio da Liberdade, com o apoio do próprio Eduardo Azeredo. É uma hipótese rocambolesca demais para o estilo sumário e desimpedido do ex-presidente, mas, apesar disso, Fernando Henrique insiste em soprar esse balão de ensaio. Deve ter lá suas razões. A mais evidente é que essa alternativa lhe interessa.

FH não deseja enfrentar simultaneamente Lula e Itamar. Em primeiro lugar, porque sua estratégia preferencial é reduzir a campanha a um confronto entre dois candidatos: ele e Lula. Dessa forma, a eleição não só se polarizaria fortemente,

va. No momento, está na mão, esperando o tempo passar e as cobranças diminuírem. Sua meta agora é concorrer ao Governo de São Paulo.

Há ainda quem sonhe dentro do PMDB com uma candidatura própria ao Planalto, como é o caso de Paes de Andrade, Orestes Quercia e Roberto Requião. Mas, é pouco provável que essa seja a decisão da maioria. O partido está aos cacos, não conta com um nome de peso e, se decidir correr em faixa própria, marchará para uma derrota certa. Caciques regionais como Iris Resende, Ronaldo Cunha Lima e Jader Barbalho não têm o perfil de quem gosta de se meter em aventuras — muito menos o ex-presidente José Sarney. Podem, quando muito, aprontar alguma confusão para forçar uma negociação. Mas não atearão fogo às vestes para marcar posição. Como a ala governista do PMDB, sozinha, já é de bom tamanho, o partido deve acabar se alinhando com FH.

Assim, sobram três nomes: Fernando Henrique, Lula e Itamar. Este último ainda não decidiu se é ou não candidato. Mesmo na turma do pão-de-queijo há divisões. Alguns estão aconselhando-o a disputar o Governo de Minas Gerais, ou mesmo o Senado pelo seu estado. Outros integrantes da República de Juiz de Fora, porém, acham que Itamar é o nome ideal para um confronto com Fernando Henrique. Argumentam que ele saiu do palácio com enorme prestígio, tem sua imagem associada ao bem-sucedido Plano Real e não sofreu os desgastes posteriores do poder.

O problema é que Itamar não conta com máquinas partidárias poderosas e, de quebra, teria de correr pelo centro, imprensado entre Fernando Henrique e Lula, numa campanha que certamente será bastante polarizada. Nessas circunstâncias, haveria espaço para que ele crescesse ou o final mais provável seria um

como poderia ser decidida já no primeiro turno. A entrada de Itamar no páreo, fragmentando o eleitorado, dificultaria o atingimento desse objetivo, aumentando as chances de um segundo turno, no qual poderia ocorrer, inclusive, uma aliança entre Lula e Itamar.

Em segundo lugar, Fernando Henrique gostaria de reeditar o cenário político de 1994, no qual ele se apresentou como um candidato de centro — apoiado pelas forças conservadoras, mas de centro — hostilizado apenas pela esquerda. Esse cenário é o que mais lhe convém não só para vencer as eleições, mas também para organizar seu governo mais tarde.

Uma candidatura de Itamar Franco, desde que ganhasse alguma densidade eleitoral, desarrumaria esse quadro, pois ocuparia o centro do espectro político, empurrando Fernando Henrique e Lula para os extremos opostos. Lula se sentiria como um peixe n'água à esquerda. Mas será que FH ficaria à vontade como o candidato das forças conservadoras? Certamente não. Além disso, Lula e Itamar tenderiam a concentrar seus ataques em Fernando Henrique, que, desse modo, teria de responder em duas frentes. Por tudo isso, o melhor para o presidente é que Itamar vá para Minas.

Lula, ao contrário, tem todo o interesse do mundo numa candidatura de Itamar a presidente. Também não seria nada mal para ele se o PMDB se descolasse do Planalto e resolvesse arriscar-se numa carreira solo. Mas alguém consegue imaginar o PT jogando com competência nas sombras dos outros partidos?

De qualquer forma, é bom estar atento para esses movimentos. Campanhas majoritárias muitas vezes são decididas nas preliminares, quando a torcida ainda não chegou ao estádio para o jogo principal.

e-mail para esta coluna: franklin@bsb.oglobo.com.br